

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 500 exemplares  
Depósito Legal: 433460/17  
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial

  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

  
MUSEU  
ARQUEOLÓGICO  
DO CARMO

  
LISBOA  
UNIVERSIDADE  
DE LISBOA

  
LETRAS  
LISBOA

  
FACULDADE DE CIÊNCIAS  
SOCIAIS E HUMANAS  
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

  
FUNDAÇÃO  
MILLENNIUM  
BCP

# PRODUÇÕES CERÂMICAS DE INSPIRAÇÃO GREGA NO VALE DO BAIXO TEJO

Elisa de Sousa<sup>1</sup>, João Pimenta<sup>2</sup>

## RESUMO

Este trabalho tem como objectivo dar a conhecer a existência de produções cerâmicas da região do Baixo Tejo que se parecem ter inspirado em certos elementos morfológicos característicos dos vasos gregos. Trata-se de ocorrências pouco frequentes, que surgem até ao momento apenas em recipientes de cerâmica cinzenta, e que não parecem corresponder a uma produção estandardizada propriamente dita, mas antes a tendências pontuais no quadro artefactual regional. Ainda que seja difícil determinar a cronologia exacta deste fenómeno, atendendo aos dados arqueológicos actualmente disponíveis, a sua adscrição a momentos tardios da Idade do Ferro parece plausível, revelando, de certa forma, a adopção e incorporação de influências do Oriente Mediterrâneo no repertório cerâmico da área litoral centro atlântica do território português.

**Palavras-chave:** Extremo Ocidente, Cerâmica cinzenta, Idade do Ferro, Cerâmica grega, Emulação/inspiração.

## ABSTRACT

The purpose of this work is to acknowledge the existence of ceramic productions from the Lower Tagus region that seem to have been inspired in certain morphological elements that are characteristic of the Greek vases. These occurrences are not frequent, and have so far appeared only in gray ware pottery, and therefore do not seem to correspond to a standardized production, but rather to occasional tendencies in the regional artefactual framework. Although it is difficult to determine the exact chronology of this phenomenon, given the archaeological data that is currently available, its ascription to the late Iron Age seems plausible, revealing, to a certain extent, the adoption and incorporation of Eastern Mediterranean influences into the ceramic repertoire of the Atlantic coastal area of the Portuguese territory.

**Keywords:** Far West, Gray ware, Iron Age, Greek pottery, Emulation/inspiration.

## 1. INTRODUÇÃO

A importação de cerâmicas gregas no Extremo Ocidente teve notáveis influências nas comunidades humanas que habitaram esta região durante a Idade do Ferro.

Naturalmente, estes efeitos manifestaram-se de forma diferenciada consoante as matrizes culturais de cada uma das áreas integradas neste espaço, adoptando distintos ritmos e feições que se relacionam quer com as próprias dinâmicas internas, quer com a intensidade dos contactos, directos ou indirectos, com o Oriente Mediterrâneo.

No quadro destes fenómenos, o caso mais notável é, sem dúvida, o que ocorreu no sul da área andaluza,

onde se assiste ao eclodir de uma produção cerâmica bastante estandardizada que imita, sobretudo, quer em termos morfológicos quer decorativos, as produções de cerâmica ática de verniz negro que, durante os séculos V e IV a.C., tinham sido sistematicamente incorporadas nos hábitos quotidianos de consumo de produtos alimentares (Niveau de Villedary y Mariñas, 2003, 2014; Sáez Romero, 2014a). É justamente a partir do último quartel do século IV a.C. que estas produções, genericamente designadas de tipo Kuass, surgem com considerável frequência nos repertórios artefactuais da área meridional da Península Ibérica e também no litoral marroquino, correspondendo ao serviço de mesa por excelência das comunidades que ocuparam estes territórios.

1. Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Uniarq – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; e.sousa@campus.ul.pt

2. Centro de Estudos Arqueológicos Vila Franca de Xira – CEAX; joao.marques@cm-vfxira.pt

A emergência destas produções de tipo Kuass é justificada pela necessidade de satisfazer a procura de vasos de morfologias helenísticas que se tinha criado nos momentos imediatamente anteriores (450 a 350 a.C.), ainda que tenham adoptado certas características estéticas mais próximas dos gostos culturais locais, de influência semita, como se verifica pela aplicação predominante de engobes de tonalidades avermelhadas nas superfícies destas peças (Niveau de Villedary y Mariñas, 2003). No entanto, a produção de recipientes cerâmicos inspirados em protótipos gregos não surge apenas durante esta fase tardia da Idade do Ferro, nem se limita exclusivamente a esta região mais meridional.

Na própria área de Cádiz, estudos recentes têm vindo a revelar que o repertório cerâmico local sofreu notáveis influências morfológicas e decorativas rastreáveis ao mundo grego desde, pelo menos, a época tardo-arcaica (finais do século VI a.C.), que se refletem em diversas categorias (ânforas, cerâmica de cozinha e cerâmica de mesa), tendo reproduzido, com maior ou menor precisão, determinados protótipos helenos (Sáez Romero, 2014a). A intensidade deste fenómeno deve provavelmente relacionar-se com a própria natureza dos contactos que se estabeleceram entre esta metrópole e o mundo grego, que terão sido constantes e frequentes entre, pelo menos, os finais do século VI e o século IV a.C.

Contudo, também em outras regiões do Extremo Ocidente, em concreto no território português, é possível identificar certos elementos que refletem a influência grega nas produções cerâmicas locais. Nestes casos, trata-se provavelmente de contactos de natureza indirecta, tendo como mediadores os grandes centros urbanos do Sul Peninsular, que terão tido um papel determinante no abastecimento de vasos gregos às regiões mais interiores, mas que ainda assim terão transmitido certos códigos inerentes à utilização primária desses recipientes. Se a transmissão destas informações terá sido total ou parcial, ou se a sua adopção ou incorporação terá sido condicionada por critérios selectivos prévios por parte das comunidades receptoras, é algo que dificilmente se consegue estabelecer com base no mero registo arqueológico. Contudo, parece claro que, nestas áreas mais interiores, a cerâmica grega assumiu um valor prestigiante no quadro social, sendo sobretudo abundante em contextos de natureza funerária ou cultural.

A influência da cerâmica grega nas produções locais

destas regiões parece ter sido pontual, não se verificando o mesmo grau de standardização e sistematização que se observa no sul andaluz. Com efeito, parecem tratar-se de situações episódicas, porventura ligadas a contextos de maior conteúdo simbólico. O próprio detalhe reproduzido nestas peças não permite falar de uma imitação no verdadeiro sentido do termo (Bernal Casasola, 2014), mas sim de emulação/inspiração ou adopção de determinadas características que são frequentes nos vasos provenientes do Oriente Mediterrâneo, e que são aplicadas a certas peças locais. Por outro, as próprias limitações tecnológicas no quadro das respectivas produções cerâmicas, particularmente ao nível da qualidade dos revestimentos, terá condicionado estas tentativas a determinadas categorias cerâmicas, como é o caso da cerâmica de engobe vermelho e, sobretudo, à cerâmica dita cinzenta (Fabião, 1999; Sousa, 2016a). As evidências relacionadas com esta problemática que têm vindo a ser identificadas no Baixo Tejo exibem características que se assemelham mais com estes horizontes interiores do que com as complexas redes de produção do sul Andaluz, onde a recorrência de formas que se inspiram ou imitam os protótipos gregos assume contornos bem mais sistemáticos, que refletem a existência de produções bem planificadas, tendo permitido observar neste processo uma progressiva helenização da cultura material de *Gadir* (Sáez Romero, 2014a).

## 2. INFLUÊNCIAS GREGAS NAS PRODUÇÕES CERÂMICAS DO VALE DO TEJO

Na área do Baixo Tejo, são, até ao momento, raros os vasos de produção local que exibem claras evidências da influência de protótipos gregos na sua execução. Esta escassez poderá relacionar-se directamente com o número reduzido de importações gregas que têm sido identificadas nesta região, particularmente quando comparadas com os horizontes artefactuais mais meridionais da Península Ibérica. Com efeito, em toda a área do estuário, o número de vasos gregos até agora documentados reduz-se a cerca de quarenta fragmentos, mesmo quando se incluem todas as evidências de importantes núcleos de povoamento sidéricos, como é o caso de Lisboa, Almaraz e da Alcáçova de Santarém (Arruda, 1997, 1999-2000; Pimenta, Calado & Leitão, 2005; Sousa, 2014, 2016a; Arruda & Sousa, no prelo).

Tal situação poderá relacionar-se quer com a posição

mais periférica do Baixo Tejo face aos grandes circuitos comerciais mediterrâneos, quer com a aparente diminuição dos contactos com as áreas meridionais peninsulares que se terá verificado a partir dos meados do 1º milénio a.C. (Arruda, 2005; Sousa, 2014), momento em que a importação de vasos gregos atinge o seu auge nos mercados ocidentais.

Esta escassa quantidade de importações gregas poderá, por outro lado, estar também condicionada pela própria natureza dos trabalhos arqueológicos realizados na região, que têm incidido quase exclusivamente em contextos de *habitat*. Neste sentido, cabe recordar que no estuário do Sado, em Alcácer do Sal, se verifica uma notável disparidade entre o registo da área habitacional, onde se conhece apenas um fragmento de cerâmica grega (Arruda, 1997), e o da área funerária, que conta com cerca de meia centena destes vasos (Rouillard *et al.* 1988-89; Arruda, 2006; Gomes, 2016). Como tal, é muito provável que a futura identificação de contextos funerários no vale do Baixo Tejo altere significativamente este cenário, permitindo uma melhor compreensão da influência de materiais do Mediterrâneo Oriental no repertório artefactual centro-atlântico. De qualquer forma, parece claro que o peso que os materiais de origem grega exerceram no Baixo Tejo foi consideravelmente menos intenso do que em áreas mais meridionais, não tendo conduzido à imitação massiva de tipos helenísticos. Contudo, durante os últimos anos, tem sido possível identificar um número já significativo de ocorrências onde esta influência se pode constatar.

Até ao momento, estas evidências observam-se quase exclusivamente nas produções comumente designadas de cerâmicas cinzentas. Trata-se de uma categoria fabricada na região desde os momentos iniciais da Idade do Ferro, cuja origem se associa a contextos de matriz orientalizante, e que sempre manteve um uso preferencial no quadro da produção de recipientes destinados ao serviço de mesa (Arruda, 1999-2000; Vallejo Sánchez, 2005; Sousa, 2014; 2016b). O registo artefactual sidérico do Baixo Tejo mostra que, a partir de meados do 1º milénio a.C., o fabrico de cerâmicas cinzentas torna-se progressivamente mais intenso, acabando por constituir a principal componente do serviço de mesa após o desaparecimento dos vasos cobertos por engobe vermelho, que parece ter ocorrido num momento ainda indeterminado do século IV a.C. (Sousa, 2014, 2016b).

Com efeito, esta terá sido uma das principais justificações da selecção desta categoria para a produção de recipientes de inspiração helenística, aliada às suas características intrínsecas, em particular as cozeduras redutoras e as superfícies cuidadosamente polidas, que permitiam, entre as opções disponíveis, a melhor aproximação estética à cerâmica grega. Alguns dos exemplares aqui estudados exibem, inclusive, vestígios de tonalidades mais escuras nas suas superfícies, podendo indicar a aplicação de um engobe ou, mais provavelmente, de uma aguada, que terá sido posteriormente polida, permitindo uma ulterior similitude com os vasos orientais, situação que também foi observada num fragmento de características muito similares recolhido na Gruta da Lapa do Fumo (Arruda & Cardoso, 2013). Contudo, e atendendo ao estado de conservação da maioria dos exemplares, é difícil determinar se este procedimento era sistemático ou se foi aplicado em apenas alguns casos específicos.

Em termos morfológicos, os elementos de inspiração grega mais evidentes identificam-se num conjunto de peças de perfil carenado que têm surgido em diferentes sítios do estuário, concretamente em Lisboa (Pimenta, Calado & Leitão, 2014; Pimenta *et al.* 2014b; Fernandes & Coroado, no prelo), Santarém (Arruda, Viegas & Almeida, 2002) e no Porto do Sabugueiro (Sousa, 2016a), ainda que, em grande parte dos casos, não possuam um contexto arqueológico primário.

Entre os exemplares mais bem conservados, constata-se a tendência de aplicação de bordos simples e ligeiramente exvertidos, a partir dos quais se desenvolve um perfil carenado bem assinalado. As bases são de tendência anelar, exibindo um pé consideravelmente alto, cujo perfil se assemelha, de certa forma, com o verificado em algumas taças gregas (Sparkes & Talcott, 1970). Junto à área da carena, são aplicadas duas asas horizontais, de secção geralmente sub-circular, que constituem o elemento que mais claramente permite constatar a influência dos protótipos do Mediterrâneo Oriental. Os diâmetros de bordo das peças do Baixo Tejo são bastante reduzidos, oscilando entre os 86 e os 122 mm. As únicas peças de perfil completo, exumadas nas escavações realizadas na Alcáçova de Santarém e em Lisboa, na área do Castelo de São Jorge (Edifício do Beco do Forno n.º 16-20), têm alturas de 82 mm e 109 mm, e um diâmetro de base de 38 mm e 60 mm, respectivamente.

Não é fácil determinar com precisão os modelos orientais que serviram de inspiração para a produção destes exemplares. Os tipos mais próximos, se atendermos ao perfil carenado, às morfologias das asas e ao pé alto, seriam algumas variantes das *stemmed cups*, em concreto do *type C – concave lip*, *Vicup* ou *Acrocup*, cujas cronologias se centram sobretudo entre finais do século VI e século V a.C. mas que, em alguns casos, se podem prolongar até ao século IV a.C. (Sparkes & Talcott, 1970, p. 91-93). Contudo, a inexistência, até à data, de qualquer importação destes vasos na área impõe alguma cautela nesta associação. A própria escassez dos dados disponíveis sobre estas produções cinzentas de inspiração grega leva, inclusive, a equacionar até que ponto se pode assumir que todos os elementos que recordam os protótipos orientais sejam efectivamente o resultado de tais influências. Ainda que tal inquietação não se aplique em relação às asas horizontais e aos fundos de pé alto de tendência anelar, cuja relação com as morfologias helenas parece altamente provável, o perfil carenado presente nas produções centro-atlânticas é um elemento que foi sistematicamente privilegiado no fabrico de vasos destinados ao serviço de mesa do Baixo Tejo desde o período orientalizante (Sousa, 2014, 2016b). Como tal, a forma geral do corpo destas taças poderá corresponder apenas a uma reprodução de perfis preferenciais das tradições oleiras regionais, aos quais foram adicionados os restantes elementos de influência grega, patentes em várias importações características da segunda metade do século V e da primeira metade do século IV a.C. de Lisboa (em concreto *kylikes* e taças Cástulo) (Sousa, 2014, p. 112; Arruda e Sousa, no prelo). Dados cronológicos precisos, que poderiam permitir uma melhor compreensão deste fenómeno, são, infelizmente, muito escassos até ao momento, considerando que as peças recolhidas quer em Santarém quer no Porto do Sabugueiro não se encontravam associadas a níveis primários de ocupação (Pimenta *et al.*, 2014a). Contudo, dois dos exemplares recuperados em Lisboa encontravam-se associados a contextos conservados, situação que permite fazer algumas considerações importantes sobre a sua cronologia. Com efeito, uma destas peças foi exumada num nível tardio da Idade do Ferro, datado de momentos avançados do século III a.C., que foi identificado durante as intervenções efectuadas na Rua de São João da Praça (Pimenta, Calado & Leitão, 2014). A restante foi exumada em escavações recen-

temente realizadas na área do Teatro Romano, dirigidas pela Dra. Lídia Fernandes<sup>3</sup>, num nível que precede a fase romana republicana, tendo sido datado em torno a meados do século II a.C. Este exemplar terá sido reutilizado como material de construção, fazendo parte de um revestimento argiloso de uma estrutura de combustão que foi interpretada como forno cerâmico (Fernandes & Coroado, no prelo). Ainda que estes sejam possíveis indicadores da ocorrência deste fenómeno apenas em fases tardias da Idade do Ferro, não se pode excluir a possibilidade de dados futuros poderem permitir antecipar esta cronologia, por ventura até momentos avançados do século IV a.C. Por outro lado, em Lisboa, existem também elementos que permitem comprovar que estas produções chegam, pelo menos, até à primeira fase de contacto com os agentes romanos, como se verifica pela recolha de um destes exemplares, de perfil completo, na escavação do Beco do Forno do Castelo, em Lisboa, num contexto datado do terceiro quartel do século II a.C. (Pimenta *et al.*, 2014b). A questão relacionada com a funcionalidade que estes vasos de inspiração helenística assumiram é uma outra problemática difícil de abordar. A sua produção em cerâmica cinzenta de superfícies polidas é um indicador do seu uso preferencial no âmbito do serviço de mesa. A própria morfologia destes recipientes e, em particular, a presença de asas horizontais, apontam para uma utilização no quadro do consumo de líquidos, podendo indicar que nesta área centro atlântica se terão também adoptado alguns hábitos orientais relacionados com a ingestão de produtos vinários, ainda que sejam necessárias futuras análises de conteúdo para corroborar esta possibilidade. A confirmar-se esta hipótese, a escassez de importações anfóricas durante esta fase mais tardia da Idade do Ferro (Sousa, 2014), sobretudo de conteúdo vinário, poderia indicar que os produtos consumidos seriam sobretudo de origem regional. Neste âmbito, cabe recordar que a domesticação da vinha está atestada na área do estuário do Tejo desde meados do século VII a.C. (Leeuwarden & Jansen, 1985; Arruda, 1999-2000). Por outro lado, é difícil determinar se o uso destes recipientes se revestiria de um carácter essencialmente quotidiano ou se estaria destinado a práticas

3. Agradecemos à Dra. Lídia Fernandes a cedência do desenho deste artefacto e das informações referentes ao seu contexto de recolha.

e contextos mais singulares. Infelizmente, faltam-nos elementos relativos à importância que estas produções possam ter adquirido no quadro da cultura material Centro Atlântica, particularmente devido à escassez de dados relacionados com os seus contextos de origem. Com efeito, e como já foi referido anteriormente, a maior parte destes vasos foram recuperados em campanhas de prospecção ou em escavações arqueológicas efectuadas em ambientes urbanos, situações que não permitem uma clara leitura dos seus contextos primários. No entanto, é de assinalar a recolha de uma destas taças na gruta da Lapa do Fumo, em Sesimbra, cuja frequência durante a Idade do Ferro poderá ter-se revestido de um carácter fortemente simbólico ou ritual (Arruda & Cardoso, 2013), podendo, portanto, sugerir uma certa importância destas produções inspiradas em protótipos gregos entre as comunidades que habitaram a costa centro atlântica do território actualmente português.

Por outro lado, deve também assinalar-se a presença deste tipo de peças em Alcácer do Sal, uma vez que entre o conjunto de materiais pré-romanos recolhidos no sítio, actualmente expostos na Cripta Arqueológica do Castelo, foi possível reconhecer um exemplar muito semelhante, também de cerâmica cinzenta, dotado de uma asa horizontal. É, de momento, difícil de determinar se as evidências recolhidas no estuário do Sado são consequências de contactos comerciais com a área do Baixo Tejo ou se podem resultar de um fenómeno paralelo que se tenha gerado, simultaneamente, no quadro da cultura material sadina.

### 3. CONCLUSÃO

Apesar de indubitavelmente interessantes, estas evidências centro atlânticas que manifestam influências morfológicas rastreáveis ao mundo grego são, até ao momento, pouco expressivas em termos quantitativos. Os dados disponíveis parecem indicar que não se trata propriamente de uma produção sistemática, passível de ser individualizada no quadro das restantes categorias cerâmicas da área, mas antes de uma variante formal específica inscrita no âmbito das produções cinzentas regionais. Com efeito, as características morfológicas parecem ser constantes em todos os exemplares documentados: vasos de bordo simples e ligeiramente exvertido, corpo de perfil carenado, dotado de asas horizon-

tais, e que termina num pé alto de tendência anelar. Atendendo à sua ausência nos repertórios artefactuais do século V e inícios do século IV a.C. do Baixo Tejo (Sousa, 2014), é provável que a emergência desta morfologia tenha ocorrido apenas no decurso desta última centúria, ou mesmo num momento mais tardio, perdurando, contudo, até ao período romano republicano, como se verifica pela sua presença em contextos do último terço do século II a.C.

Independentemente da sua expressividade quantitativa, a sua existência parece indicar a adopção de determinadas práticas associáveis ao consumo de líquidos, muito provavelmente de vinho, que podem relacionar-se com costumes do Mediterrâneo Oriental. Estas práticas terão sido introduzidas na fachada ocidental atlântica portuguesa durante os séculos V e IV a.C., estando directamente associadas à comercialização dos vasos gregos no Extremo Ocidente, e parecem ter perdurado até à fase inicial do período romano.

A escolha da categoria de cerâmica cinzenta como suporte preferencial para a manufactura destes vasos não terá sido, certamente, casual. Trata-se de uma produção cerâmica destinada, sobretudo, ao serviço de mesa, que reúne, simultaneamente, critérios tecnológicos que chegaram à Península Ibérica com a colonização fenícia e tendências estéticas que se parecem ter adequado aos gostos das comunidades indígenas. Estas características terão seguramente justificado o sucesso que esta categoria cerâmica obteve junto das populações autóctones, no seio das quais foi amplamente reproduzida, mas foi simultaneamente adoptada quotidianamente pelos seus criadores, como se manifesta em múltiplos centros oleiros fenícios da área peninsular. O seu sucesso, sobretudo no Extremo Ocidente, terá justificado a selecção desta categoria para a reprodução de vasos de estética helenística, com os quais se assemelhava, inclusive, em algumas características, sobretudo ao nível da tonalidade das superfícies e o seu cuidadoso polimento.

Deve ainda referir-se que estes vasos de cerâmica cinzenta são, até ao momento, as únicas evidências que se podem relacionar com influências helenísticas nesta região. Até ao momento, não se documentaram, em contextos preservados da Idade do Ferro do estuário do Tejo, quaisquer fragmentos de produções de tipo Kuass (Sousa 2009, 2014), que eram fabricadas, durante este mesmo período, no sul do território peninsular. Com efeito, conhecemos a

existência de apenas dois fragmentos desta produção em Lisboa, mas que foram ambos recolhidos em contextos de cronologia romana, o que parece indicar que este tipo de cerâmica não chega a esta região antes da fase da conquista (Sousa, 2009).

Por outro lado, deve também recordar-se que, durante a segunda metade do 1º milénio a.C., este fenómeno de emulação/inspiração em protótipos helenísticos não ocorre exclusivamente na fachada atlântica ocidental do território português. Na área alentejana, onde se cruzam influências dos horizontes pós-orientalizantes, celtizantes e meridionais, é possível verificar casos pontuais onde as produções locais exibem influências gregas. É o caso de um vaso recuperado no Castro da Azougada, coberto com engobe vermelho em ambas as superfícies e conservando parte de uma asa horizontal (Soares, 2012), que parece imitar uma *large stemless cup – inset lip*, ou taça Cástulo, que é, sem dúvida, uma das formas de cerâmica grega mais recorrentes na região, e também no próprio sítio (Rouillard, 1991). Também em horizontes de cariz mais “celtizante”, como é o caso da Cabeça de Vaiamonte, surgem vasos de grande dimensão, uma vez mais de cerâmica cinzenta, que parecem ter absorvido influências dos *krater* gregos, e outros mais pequenos onde algumas características morfológicas similares às das *kylikes* são facilmente reconhecidas (Fabião, 1999). Contudo, e como já foi assinalado por C. Fabião (1999) este tipo de vasos não deve ser considerados como imitações no verdadeiro sentido da palavra, ainda que mostrem claramente a influência de elementos gregos na sua produção, observáveis quer na forma geral do vaso quer na sua base, apesar de estarem ausentes as típicas asas que desempenhariam um importante papel funcional nos recipientes originais.

Voltando ao Baixo Tejo, um último aspecto que consideramos relevante assinalar é que estes fenómenos de emulação/inspiração em protótipos exógenos não se centram exclusivamente na fase tardia da Idade do Ferro, perdurando até momentos bem mais tardios. Com efeito, os oleiros da região centro atlântica exibem um comportamento similar durante a fase da romanização: será, uma vez mais, no quadro das produções de cerâmica cinzenta que vamos encontrar uma maior frequência de reproduções de protótipos mediterrâneos, neste caso inspirados já em cerâmica campaniense e, mais tarde, em *terra sigillata* (Bugalhão *et al.*, 2013; Pimenta, Soria & Mendes, 2014). A chegada em grandes quantidades

destes materiais mediterrâneos, a partir do último quartel do século II a.C., à região, terá gerado, de forma mais evidente, uma progressiva standardização dos hábitos de consumo alimentar, ainda que as origens desta tradição remontem a uma fase já anterior.

## BIBLIOGRAFIA

ARRUDA, Ana Margarida (1997) – *As cerâmicas áticas do Castelo de Castro Marim no quadro das exportações gregas para a Península Ibérica*. Lisboa: Edições Colibri.

ARRUDA, Ana Margarida (1999-2000) – *Los Fenícios en Portugal. Fenícios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona: Universidade.

ARRUDA, Ana Margarida (2005) – O 1º milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 23, pp. 9-156.

ARRUDA, Ana Margarida (2006) – Cerâmicas Gregas encontradas em Portugal. In AAVV, *Vasos Gregos em Portugal*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 135-140.

ARRUDA, Ana Margarida; CARDOSO, João Luís (2013) – A ocupação da Idade do Ferro da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 731-754.

ARRUDA, Ana Margarida; SOUSA, Elisa (no prelo) – *The Greek Pottery in the Tagus estuary*.

ARRUDA, Ana Margarida; VIEGAS, Catarina; ALMEIDA, Maria José, (coord.) (2002) – *De Scallabis a Santarém*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

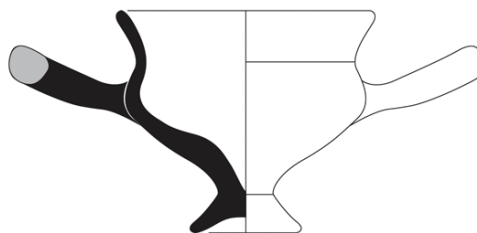
BERNAL CASASOLA, Dario (2014) – Nomenclatura y taxonomía de las cerâmicas de imitación hispanorromanas. A modo de psicoanálisis. In GARCÍA FERNÁNDEZ, Francisco José; GARCÍA VARGAS, Enrique (eds.), *Comer a la moda. Imitaciones de vajilla de mesa en Turdetania y la Bética occidental durante la Antigüedad (s. VI a.C. – VI d.C.)*. Barcelona: Universidad, pp. 13-32.

BUGALHÃO, Jacinta; ARRUDA, Ana Margarida; SOUSA, Elisa; DUARTE, Cidália (2013) – Uma necrópole na praia: o cemitério romano do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 16, p. 243-275.

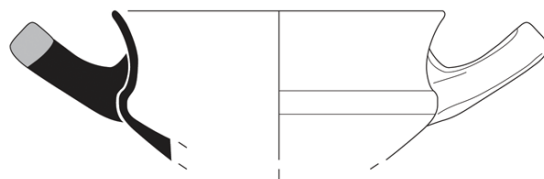
FABIÃO, Carlos (1999) – *O mundo indígena e a sua romanização na área céltica do território português*. Dissertação de doutoramento em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. [Edição polycopiada].

FERNANDES, Lúcia; COROADO, João (no prelo) – *Novos dados sobre a ocupação pré-romana do Teatro Romano de Lisboa: proveniência das produções cerâmicas dos sécs. IV e III a.C. (campanha arqueológica de 2010)*.

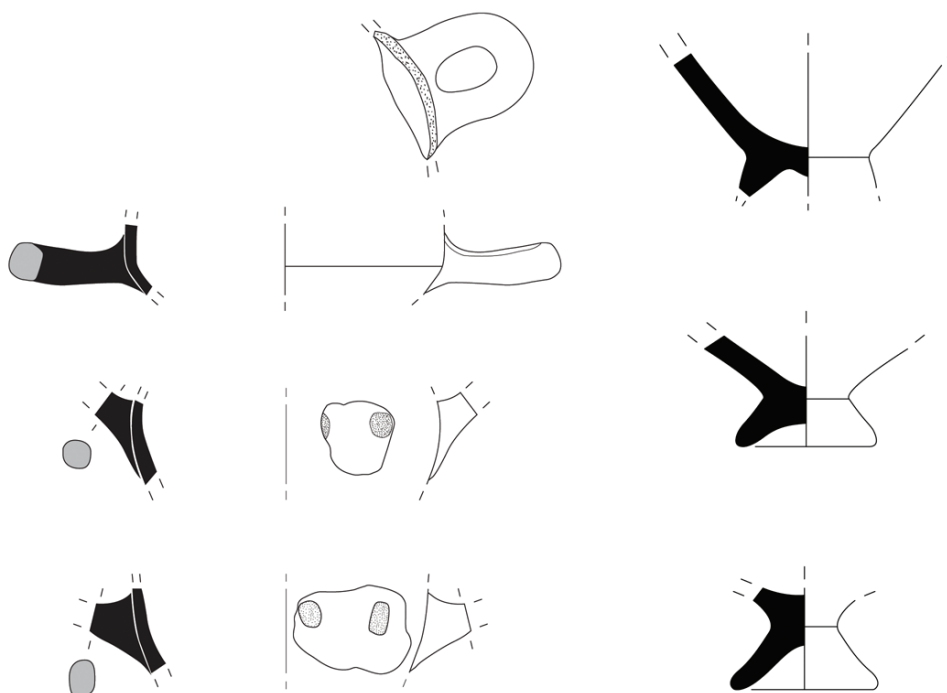
- GOMES, Francisco (2016) – *Contactos culturais e discursos identitários na I Idade do Ferro do Sul de Portugal (séculos VIII-V a.n.e.): leituras a partir do registo funerário*. Dissertação de doutoramento em Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. [Edição fotocopiada].
- LEEUWAARDEN, Win Van; JANSSEN, Roel (1985) – A preliminary palynological study of peat deposit near an oppidum in the lower Tagus valley. In *Actas da I Reunião do Quaternário Ibérico*. Lisboa. 2, p. 225-235.
- NIVEAU DE VILLEDARY Y MARIÑAS, Ana Maria (2003) – *Las Cerámicas Gaditanas “Tipo Kuass”*. Bases para el análisis de la Bahía de Cádiz en época púnica. Cádiz: Universidade.
- NIVEAU DE VILLEDARY Y MARIÑAS, Ana Maria (2014) – El éxito de la vajilla helenística “tipo Kuass” ¿Resultado de la adopción de una moda estética o reflejo de transformaciones culinarias y comensales? In GARCÍA FERNÁNDEZ, Francisco José; GARCÍA VARGAS, Enrique (eds.), *Comer a la moda. Imitaciones de vajilla de mesa en Turdetania y la Bética occidental durante la Antigüedad (s. VI a.C. – VI d.C.)*. Barcelona: Universidad, p. 119-176.
- PIMENTA, João; CALADO, Marco; LEITÃO, Manuela (2005) – Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8, p. 313-334.
- PIMENTA, João; SILVA, Rodrigo; CALADO, Marco (2014) – Sobre a ocupação pré-romana de *Olisipo*. A intervenção arqueológica urbana da Rua de São Mamede ao Caldas n.º 15. In ARRUDA, Ana Margarida (ed.), *Fenícios e Púnicos, por terra e mar. Actas do VI Congresso Internacional de Estudos Fenícios e Púnicos*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, vol. 2, p. 712-723.
- PIMENTA, João; SORIA, Vincenzo; MENDES, Henrique (2014) – Cerâmicas de verniz negro itálico e imitações em pasta cinzenta de Monte dos Castelinhos – Vila Franca de Xira. In *Atas do Congresso de Arqueologia Conquista e Romanização do Vale do Tejo*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal de Vila Franca de Xira (CIRA Arqueologia, 3), pp. 86-121.
- PIMENTA, João; MENDES, Henrique; ARRUDA, Ana Margarida; SOUSA, Elisa; Soares, Rui (2014a) – Do Pré-Romano ao Império: a ocupação humana do Porto do Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos). *Magos*. Salvaterra de Magos, 1, p. 39-57.
- PIMENTA, João; GASPAS, Alexandra; GOMES, Ana; MOTA, Nuno; MIRANDA, Pedro (2014b) – O estabelecimento romano republicano de *Olisipo*: estrutura e contextos do Beco do Forno do Castelo, Lote 40 (n.16-20) – Lisboa. In *Atas do Congresso Internacional de Arqueologia Conquista e Romanização do Vale do Tejo*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal de Vila Franca de Xira (CIRA Arqueologia, 3), pp. 122-148.
- ROUILLARD, Pierre (1991) – *Les grecs et la Péninsule Ibérique du VIIe au IV siècle avant Jésus-Christ*. Paris: Diffusion de Bocard.
- ROUILLARD, Pierre; PAIXÃO, António Cavaleiro; VILLANUEVA PUIG, Marie-Christine; DURAND, Jean Louis (1988-89) – Les vases grecques d’Alcácer do Sal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 6/7, pp. 43-108.
- SÁEZ ROMERO, António (2014a) – Imitaciones en las vajillas de mesa en la Bahía de Cádiz desde la transición tardoarcaica hasta la época tardopúnica. Actualización de los datos y nuevas propuestas. In GARCÍA FERNÁNDEZ, Francisco José; GARCÍA VARGAS, Enrique (eds.), *Comer a la moda. Imitaciones de vajilla de mesa en Turdetania y la Bética occidental durante la Antigüedad (s. VI a.C. – VI d.C.)*. Barcelona: Universidad, p. 33-78.
- SÁEZ ROMERO, António (2014b) – Oculito bajo el barniz. Aproximación inicial a las producciones grises de Gadir de época tardoclásica-helenística (siglos -IV/-III). In GARCÍA FERNÁNDEZ, Francisco José; GARCÍA VARGAS, Enrique (eds.), *Comer a la moda. Imitaciones de vajilla de mesa en Turdetania y la Bética occidental durante la Antigüedad (s. VI a.C. – VI d.C.)*. Barcelona: Universidad, p. 79-118.
- SPARKS, Brian A.; TALCOTT, Lucy (1970) – *The Athenian Agora (XII) – Black and Plain pottery of the 6<sup>th</sup>, 5<sup>th</sup> and 4<sup>th</sup> centuries B.C.* Princeton: American School of Classical Studies at Athens.
- SOARES, Rui (2012) – *O Cabeço Redondo. Um edifício da Idade do Ferro Pós-Orientalizante na Herdade do Metum (Moura)*. Dissertação de mestrado em Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. [Edição fotocopiada].
- SOUSA, Elisa (2009) – *A cerâmica de tipo Kuass no Algarve*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
- SOUSA, Elisa (2014) – *A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo*. Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
- SOUSA, Elisa (2016a) – From Greek to Roman Pottery in the Far West. In JAPP, Sarah; KÖGLER, Patricia (eds.), *Traditions and Innovations. Tracking the Development of Pottery from the Late Classical to the Early Imperial Periods*. Viena: Phoibos Verlag, pp. 17-28.
- SOUSA, Elisa (2016b) – A Idade do Ferro em Lisboa: uma primeira aproximação a um faseamento cronológico e à evolução da cultura material. *CuPAUAM*. Madrid. 42, p. 167-185.
- VALLEJO SÁNCHEZ, Juan Ignacio (2005) – Las cerámicas grises orientalizantes de la Península Ibérica. In *Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental*. Mérida: CSIC (Anejos de Archivo Español de Arqueología), II, pp. 1149-1172.



Alcáçova de Santarém (Arruda - Viegas - Almeida 2002)



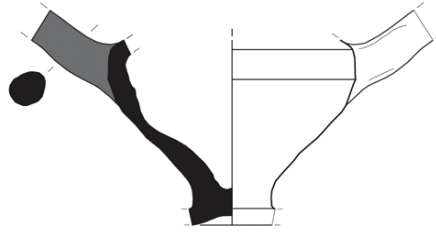
Lisboa - Rua de São João da Praça  
(Pimenta - Calado - Leitão 2014)



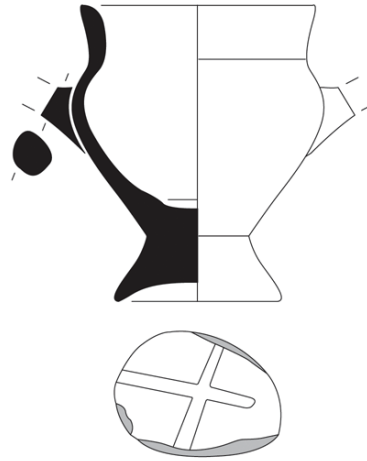
Porto do Sabugueiro (Sousa 2016a)



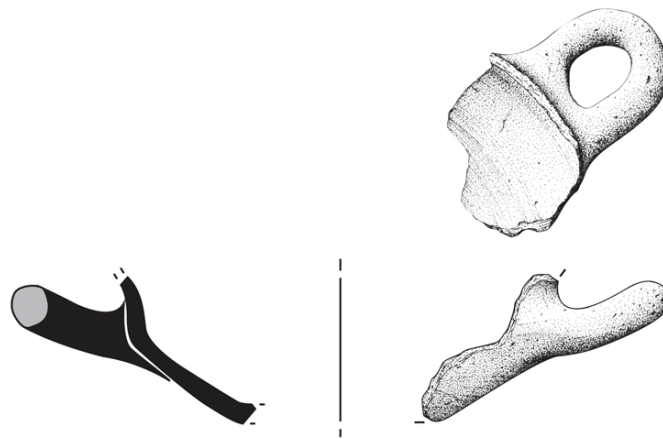
Figura 1 – Vasos de cerâmica cinzenta com elementos de inspiração grega recolhidos na Alcáçova de Santarém, Lisboa e Porto do Sabugueiro.



Lisboa - Teatro Romano (Fernandes - Coroado no preto)



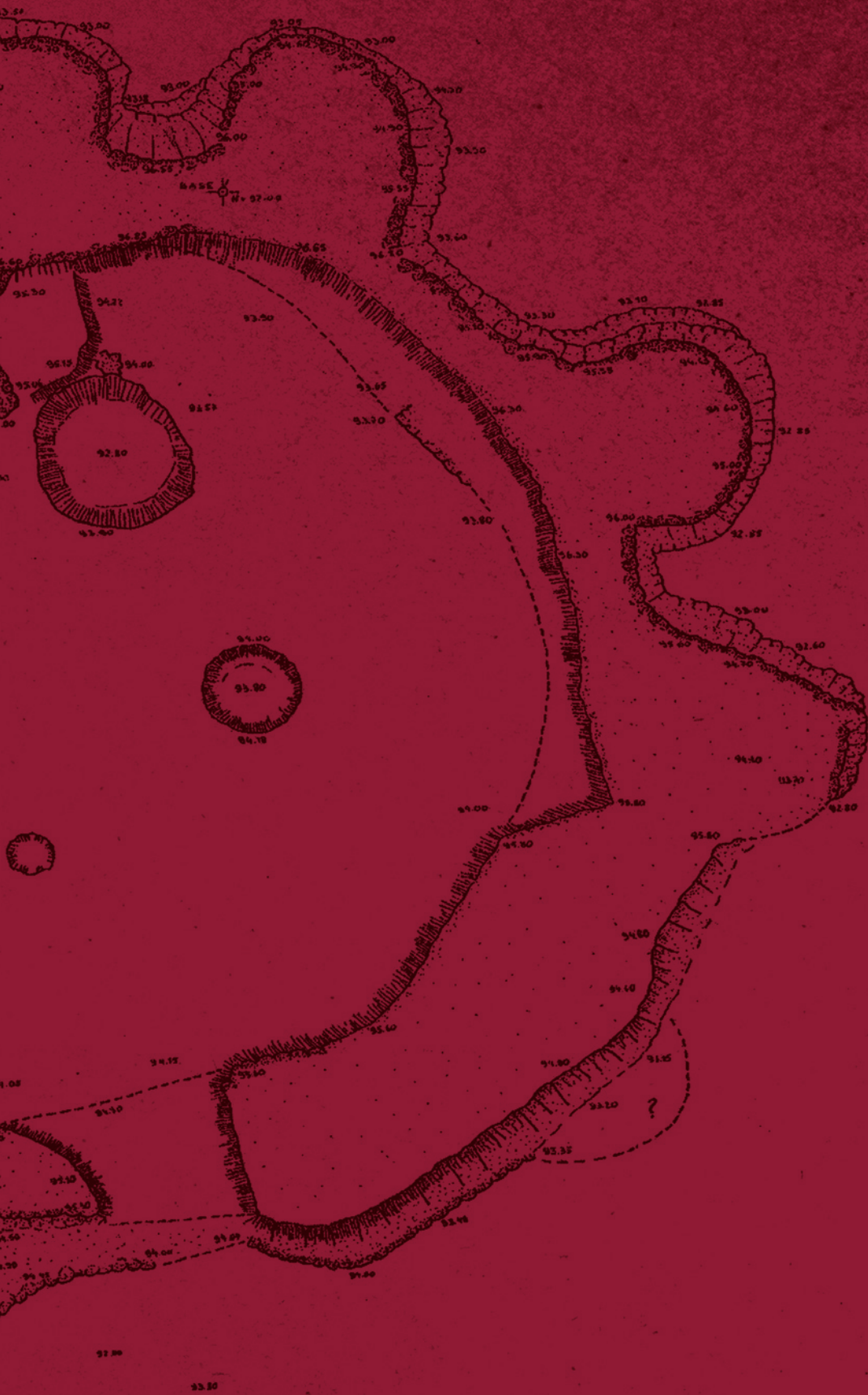
Lisboa - Beco do Forno do Castelo (Pimenta et. al. 2014)



Lapa do Fumo (Arruda - Cardoso 2013)



Figura 2 – Vasos de cerâmica cinzenta com elementos de inspiração grega recolhidos em Lisboa e na Lapa do Fumo.



Patrocinador oficial